



**ROTEIROS DO  
PATRIMÔNIO  
DA USP**

*centro de são paulo*





Catálogo na Publicação  
Universidade de São Paulo. Centro de Preservação Cultural.

---

C397r Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC USP)  
Roteiros do patrimônio da USP : centro de São Paulo / Flávia Brito do Nascimento, coordenadora. — 1. ed. — São Paulo : CPC USP, 2024. PDF (49 p.) : il. — (Roteiros do Patrimônio)  
ISBN 978-85-85026-06-6  
DOI: 10.11606/9788585026066

1. Patrimônio cultural. 2. Universidade de São Paulo (Brasil). I. Flávia Brito do Nascimento II. Universidade de São Paulo. Centro de Preservação Cultural. II. Título: Roteiros do patrimônio da USP: campus São Paulo.

CDD 378.816

---

Elaborado por: Ana Célia de Moura CRB-8 7397

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo alterações ou qualquer uso para fins comerciais.



**ROTEIROS DO  
PATRIMÔNIO  
DA USP**

*centro de são paulo*



## SUMÁRIO

|  |       |
|--|-------|
| <i>roteiros do patrimônio da usp</i>                                 | p. 07 |
| <i>os bens culturais da usp no centro de<br/>são paulo</i>           | p. 08 |
| <i>percurso</i>  | p. 10 |
| <i>faculdade de direito</i>  | p. 12 |
| <i>casa de dona yayá – centro de<br/>preservação cultural da usp</i> | p. 20 |
| <i>centro universitário maria antônia</i>                            | p. 28 |
| <i>vila penteado</i>   | p. 36 |
| <i>quadrilátero da saúde</i>   | p. 44 |
| <i>bibliografia</i>  | p. 53 |



## ***Roteiros do Patrimônio da USP***

O projeto Roteiros do Patrimônio da USP é uma realização do Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá que tem como missão colaborar no reconhecimento, preservação, salvaguarda e difusão dos bens culturais da Universidade de São Paulo. A USP concentra uma variedade de referências culturais, como edifícios, monumentos, lugares, acervos, coleções, celebrações, saberes e fazeres com enorme potencial de construção de conhecimentos e pertencimentos.

O projeto consiste na estruturação de itinerários que são um convite à visita e à reflexão sobre o patrimônio cultural universitário. A primeira edição dos Roteiros, elaborada entre 2022 e 2023, traz três publicações sobre espaços urbanos fundamentais para a USP: o Centro de São Paulo, a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira e o Campus de São Carlos.

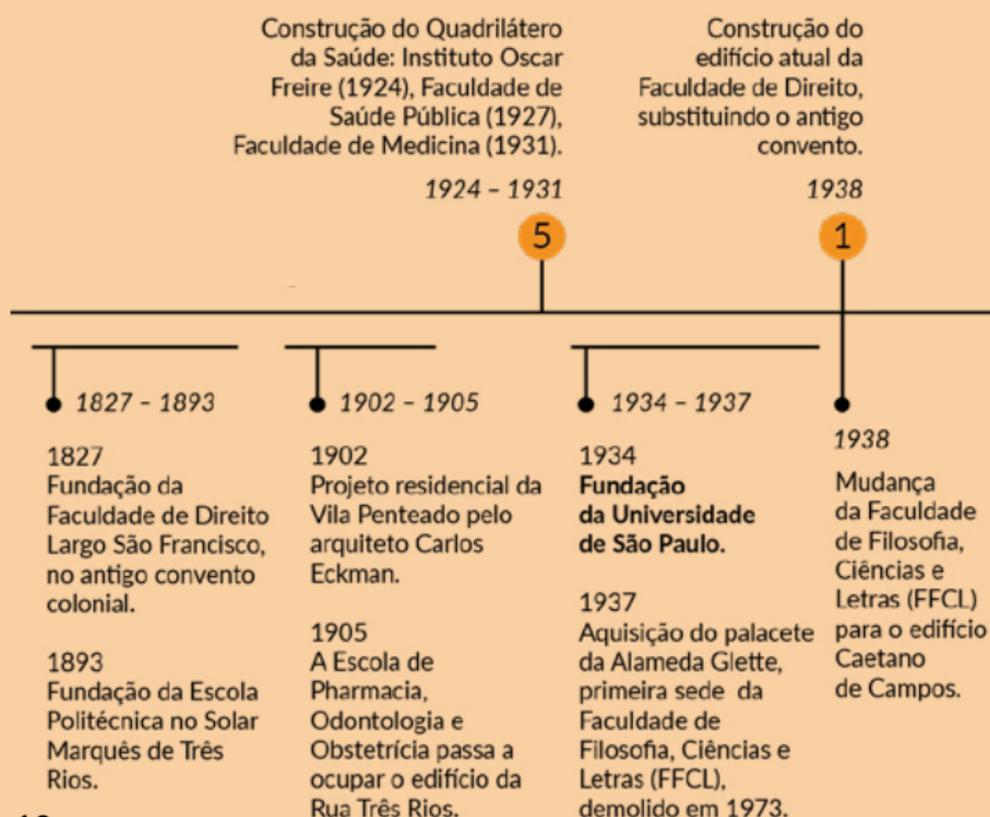
Para cada um destes, um mapa apresenta o percurso sugerido, as edificações e espaços de interesse, informações sobre a história e sobre o cotidiano universitário. As publicações procuram fomentar o conhecimento sobre a história da USP, apresentando edificações de particular importância, cujas informações são organizadas em três eixos: valores e memórias, história material e seus usos.

Os roteiros podem ser realizados de forma autônoma ou acompanhada pelos monitores do CPC-USP. A experiência é enriquecida com os audioguias que ampliam o conhecimento e a reflexão sobre o patrimônio universitário. Informações adicionais, como bibliografia, imagens, documentos e os áudio-guias são acessadas pelo QRCode.

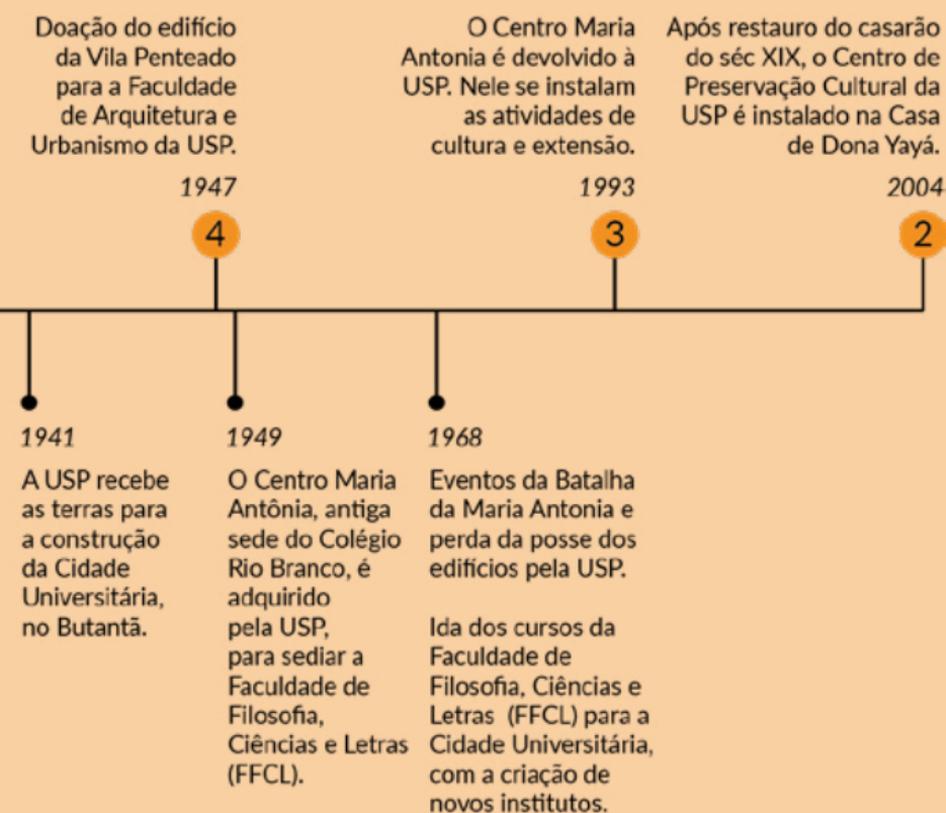
## OS BENS CULTURAIS DA USP NO CENTRO DE SÃO PAULO

A Universidade de São Paulo guarda estreita relação com a região central da capital paulista. As instituições de ensino superior que deram origem à USP em 1934, à exceção da Escola Superior de Agricultura em Piracicaba e da Faculdade de Medicina (região da Paulista), ficavam no centro da cidade. Todas as faculdades que compuseram o núcleo inicial da USP, como Direito, Farmácia e Odontologia, Escola Politécnica, Escola de Medicina Veterinária, Instituto de Educação e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) tinham a sua vida universitária e cotidiano ligados ao comércio e a sociabilidade urbana da centralidade.

O crescimento das universidades no Brasil levou à construção de diversos Campi Universitários, que, como nos modelos americanos e europeus, investiram no espaço urbano dedicado especialmente às atividades de ensino.



no, pesquisa e extensão que servissem como espaços de encontros e trocas acadêmicas. A expansão de São Paulo na segunda metade do século 20 levou à implantação do campus da USP para uma nova área de urbanização na capital, o bairro do Butantã, onde foi fundada a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira. As sedes dos cursos que ficavam no Centro foram sendo progressivamente desocupadas e ganhando novas destinações. Algumas faculdades, como Medicina e Direito, permanecem em seus edifícios originais na região central e são pólos importantes da vida estudantil e comunitária. Outras edificações ganharam usos de cultura e extensão, como o Centro Universitário Maria Antônia, antiga sede da FFCL, e a Casa de Dona Yayá (sede do Centro de Preservação Cultural da USP), no bairro do Bixiga.



## roteiros do patrimônio da usp no centro de são paulo



### Pontos do percurso

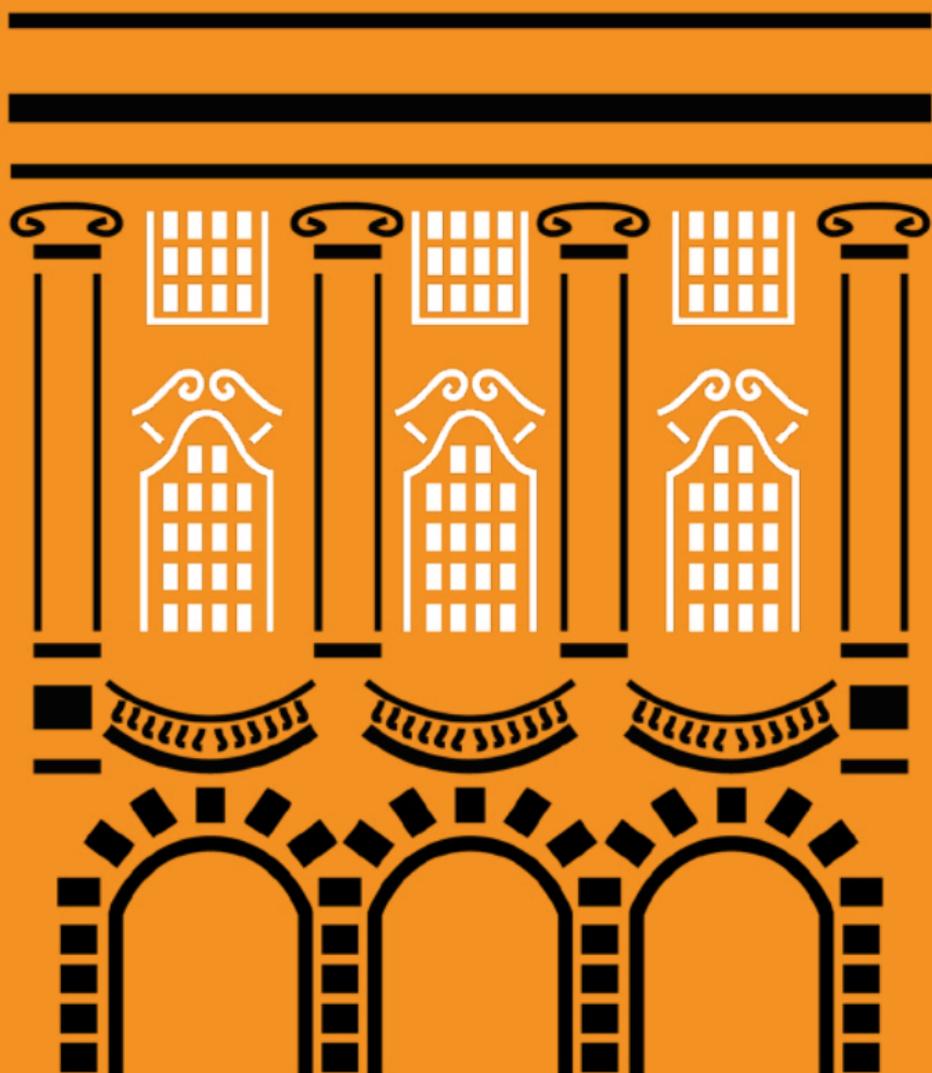
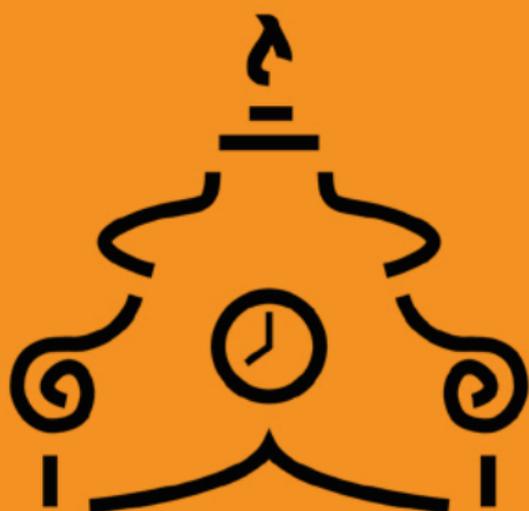
- 1 **faculdade de direito**
- 2 **centro de preservação cultural da usp – casa de dona yayá**
- 3 **centro universitário maria antonia**
- 4 **vila penteado**
- 5 **quadrilátero da saúde**



## Pontos de interesse

- a** teatro renault
- b** teatro oficina
- c** museu judaico de são paulo
- d** antiga escola caetano de campos
- e** cemitério da consolação
- f** antigo palacete da alameda glette

- percurso sugerido
- - - caminho alternativo



Criada em 1827, a Faculdade de Direito instalou-se no antigo Convento de São Francisco, junto ao Largo de mesmo nome, localizado num dos vértices do chamado Triângulo Histórico da cidade de São Paulo, núcleo de sua fundação. A edificação passou por sucessivas reformas ao longo do século 19, até que, em 1930, foi substancialmente transformada pelo projeto de Ricardo Severo, do importante escritório de arquitetura em São Paulo de Ramos de Azevedo, ganhando as feições neocoloniais pelas quais é conhecida. A criação dos Cursos Jurídicos em 1827 constitui peça-chave na consolidação das elites nacionais: trata-se de instituição pela qual viriam a passar muitos dos filhos das elites destinados a ocupar posições de poder na estrutura do Estado, seja como representantes eleitos, seja como burocratas e magistrados. O prestígio do curso superior e as muitas apropriações sociais, fizeram dele um espaço de grande simbolismo nos debates políticos nacionais.



Foto: Acervo CPC

*Outros 'monumentos' são criados inconscientemente, quase como brincadeira, mas adquirem valor histórico simplesmente pelos nomes que dela participaram. É o caso das mesas expostas no museu da faculdade, onde estão talhados os nomes de centenas de estudantes.*

**FACULDADE DE DIREITO, REVISTA  
ESPAÇO ABERTO, 2005**

## MEMÓRIA

---

A Faculdade de Direito da USP, chamada de San-Fran pelos estudantes, tem sua importância histórica, acadêmica, cultural e política ligada ao Centro de São Paulo. A instalação da Academia de Direito influenciou, em conjunto com o cenário do século 19, a modificação dos hábitos e da vida cultural paulistana, situada no Largo de São Francisco. A persistência dos cursos jurídicos na área central estrutura uma base de sociabilidade universitária e das instituições jurídicas na Capital, na qual a Faculdade de Direito tem grande centralidade simbólica. O local foi palco de inúmeros atos políticos, culturais e jurídicos que marcaram a história da luta por direitos e democracia, desde o nascimento dos ideais republicanos do século 19, até os movimentos contra a ditadura civil-militar e por eleições diretas, chegando à história do Brasil recente.

## MATERIALIDADE

---

A sede original da Faculdade de Direito da USP, no antigo Convento de São Francisco, localizava-se num dos limites da Colina do primeiro sítio urbano de São Paulo. O Largo de São Francisco representa, junto com o Convento e as duas Igrejas contíguas - Igreja de São Francisco e a Capela da Ordem Terceira - uma forma de urbanização dos primeiros séculos da ocupação portuguesa, em que os monumentos religiosos marcavam os espaços de sociabilidade e a forma urbana. Como em muitos casos, a construção do convento seiscentista iniciou-se com dois pavimentos construídos em taipa de pilão, técnica construtiva comum na região do planalto paulista. O local foi cedido à Academia de Direito em caráter provisório em 1827, de onde nun-



ca mais saiu. A construção foi sendo, aos poucos, reformada. Em 1880, a fachada ganhou o aspecto monumental com o qual ficou marcada. A mudança mais definitiva veio nos anos 1930, com a demolição do edifício e uma nova construção, projetada pelo arquiteto português Ricardo Severo, ligado ao prestigioso escritório de Ramos de Azevedo. Em 1932, a Faculdade constrói dois novos edifícios voltados para a Rua Riachuelo, que completam o conjunto universitário. A discussão sobre a identidade nacional na arquitetura brasileira, e as raízes portuguesas, fizeram parte das preocupações dos profissionais ligados ao que se chamou movimento neocolonial, que marcou a construção de instituições de ensino superior no país, como a sede da Faculdade de Direito, incorporada à USP em 1934. As fachadas com colunatas clássicas e frontão de linhas curvas dão acesso ao edifício, que se organiza ao redor de dois pátios centrais. A nova construção preservou a dinâmica anterior dos pátios, que organizam a circulação e servem como espaço para encontros e manifestações, carregando grande simbolismo. No menor, localiza-se o Túmulo de Júlio Frank, primei-



Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

ro professor de História e Geografia da Faculdade, datado de 1841, e no maior, conhecido como “Arca-das”, estão as estruturas em arcos abatidos, que se tornaram símbolo da edificação.

### USOS ATUAIS

---

O conjunto de edifícios da Faculdade de Direito da USP tem usos educacionais, com cursos de graduação e de pós-graduação. A faculdade é local para manifestações e atos cívicos que há décadas marcam presença em movimentos históricos nacionais. Assim, sua manutenção no centro da cidade de São Paulo promove uma relação mais imbricada entre a realidade e problemas sociais e urbanos e os debates acadêmicos. A faculdade exerce importante papel na sociedade brasileira, como centro de debates sobre mudanças sociais e das lutas por direitos políticos. Para além disso, cumpre um papel essencial na definição dos caminhos do ensino jurídico no Brasil, sendo uma instituição referência. O Centro Acadêmico XI de Agosto, entidade estudantil mais antiga e tradicional do País, ainda é um agente ativo nas transformações político-sociais brasileiras.

ESTA  
DE DIF  
SEMI



ADO  
REITO  
PRE!

ACADÊMICO  
DE AOSTO



*centro de preservação  
cultural da usp –  
casa de dona yayá*



Antes de ser incorporada ao patrimônio da Universidade de São Paulo, a Casa de Dona Yayá passou por diferentes ocupações. O local leva o nome de sua última proprietária, Sebastiana de Mello Freire, conhecida como Dona Yayá. Ela tornou-se herdeira única da fortuna da família ainda jovem, após a morte de seus pais e, mais tarde, de seu irmão. Em 1919, aos 32 anos, Yayá manifestou crises de desequilíbrio emocional e foi internada em uma instituição para doentes mentais. Posteriormente, foi transferida para esta casa, onde permaneceu sob tratamento médico, assistida por enfermeiros e cuidadoras. Yayá faleceu em 1961 e seus bens foram doados à USP em 1968. Em 2002 passou a sediar o Centro de Preservação Cultural, com atividades de cultura e extensão universitária, sendo testemunho da história da saúde mental, das mulheres e da urbanização da cidade.



Foto: Autoria desconhecida, sem data/ Acervo CPC-USP

*Seu isolamento me pareceu perfeito e tem ela enfermeiras conhecedoras de seu ofício [...] Feitas umas modificações nas janelas dos cômodos ocupados pela doente, não vejo nenhum inconveniente em sua continuação na casa de saúde que, por assim dizer, só para ela foi construída.*

**LAUDO DO DR. JULIANO MOREIRA,  
PROCESSO 3093, 1919, V. 4**

## MEMÓRIA

---

A casa de Dona Yayá, local de moradia e tratamento médico de Sebastiana de Mello Freire por mais de 40 anos, consagrou-se como um lugar de memória que permite compreender a trajetória de vida dessa mulher, além de questões de gênero e saúde mental. A história do edifício, um chalé de chácara do século 19, reformado e adaptado como residência urbana, antecede a chegada de Dona Yayá ao imóvel, em 1920. No entanto, foi a presença desta moradora, órfã e herdeira de grande fortuna e portadora de sintomas de transtornos mentais, que tornou o imóvel uma referência na memória do bairro e da cidade. Privilegiada por sua condição social e riqueza, Yayá obteve nesta casa um tratamento de saúde individualizado, ao contrário daquelas que, consideradas loucas, foram trancadas em hospitais psiquiátricos. Levou uma vida reclusa, como recomendava o tratamento médico da doença mental à época, porém foi acompanhada de perto por mulheres, familiares e amigas, que dedicaram suas vidas aos cuidados com ela.

## MATERIALIDADE

---

O imóvel que ficou conhecido como “Casa de Dona Yayá” foi construído no século 19 como uma chácara rural, com as feições de um chalé, comuns à época. A região conhecida como Bixiga era ocupada por uma população negra que encontrava espaços de residência nas imediações da área central e, em seguida, por imigrantes, principalmente italianos, que chegavam ao país.



O chalé isolado no lote e no alto de uma pequena elevação, ampliou-se no início do século 20 com a expansão urbana e os novos loteamentos do bairro, ganhando novas fachadas avarandadas, com platibandas e elementos em ferro e estuque, típicos de uma residência eclética da burguesia paulistana. Entre 1920 e 1961, a casa funcionou como sanatório particular de Sebastiana Melo Freire, a Dona Yayá, que ali residiu isolada em razão do diagnóstico de transtornos mentais. A principal marca deste período é o solário, construído para que a moradora pudesse tomar banhos de sol. Com a morte de Dona Yayá, a casa foi doada à USP, e estudada no final da década de 1980 pela recém-criada Comissão do Patrimônio Cultural da USP, que destacou a centralidade de Yayá. O uso qualificado pleiteado pelos moradores do bairro do Bixiga concretizou-se com a restauração realizada ao longo dos anos 1990 e a instalação do atual Centro de Preservação Cultu-



Fotos: Kassio Massa/Acervo CPC

## USOS ATUAIS

---

ral da USP.

Localizada no Bixiga, bairro central e de grande efervescência cultural e gastronômica, a residência histórica compõe o conjunto patrimonial da USP. Desde 2004 abriga o Centro de Preservação Cultural (CPC) – órgão de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo que tem como missão o fomento e a salvaguarda do patrimônio cultural em geral e da USP em particular. Na casa, o CPC desenvolve atividades de cultura e extensão ligadas ao tema do patrimônio cultural, como cursos, palestras e eventos acadêmicos. Promove ações de educação patrimonial, com a aproximação e identificação da comunidade com a instituição, com a casa e com a história e a memória de Dona Yayá. Mantém, ainda, atividades culturais para a comunidade, como o programa Domingo na Yayá.





Foto: Rodrigo Augusto das Neves/Acervo CPC-USP

*centro universitário  
maria antonia*



O Centro Universitário Maria Antonia é um dos espaços mais emblemáticos da memória e identidade da Universidade de São Paulo no Centro da Capital. Formado por um conjunto de edifícios construídos nos anos 1930, o Centro sediou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, a FFCL, a partir do final da década de 1940. Após os eventos dramáticos da batalha da Maria Antônia, durante a ditadura civil-militar, em 1968 os prédios foram fechados e os cursos migraram para a Cidade Universitária então em construção. O imóvel tornou-se, então, símbolo importante da resistência universitária durante a ditadura. Desde 1993 o Maria Antonia atua como órgão de cultura e extensão e é lugar de memória política e da luta universitária pela democracia.



Foto: Acervo CEUMA

*Maria Antônia é, antes de tudo, um lugar. A força evocativa do espaço, para a comunidade universitária e boa parte da extra-universitária, é mais forte do que qualquer atividade que possa vir a ser desenvolvida nela. É a alma mater da universidade, um símbolo da resistência ao regime militar, um repositório de lembranças afetivas e marcos culturais e políticos.*

**LORENZO MAMMI, CIDADES UNIVERSITÁRIAS:  
PATRIMÔNIO URBANÍSTICO E ARQUITETÔNICO  
DA USP, 2005**

## MEMÓRIA

---

O Centro Universitário Maria Antonia, localizado na Vila Buarque, foi ocupado pela USP entre os anos 1949 e 1968, formando junto com o Mackenzie e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP local de grande efervescência estudantil. O espaço foi foco da resistência estudantil nos anos de ditadura civil-militar e tornou-se fundamental lugar de memória da história brasileira na sua luta pela democracia. Em outubro de 1968, ainda como sede da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), o conjunto foi palco do conflito político conhecido como “Batalha da Maria Antônia”. O confronto foi o ápice de tensões envolvendo os estudantes da USP, contrários ao regime ditatorial, e os da Universidade Mackenzie e o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), que faziam perseguições políticas desde o início da década. No confronto de 1968, o secundarista José Guimarães morreu vítima de um tiro disparado das dependências do Mackenzie. A invasão pela polícia e o regime de exceção com o AI-5 instaurado inviabilizou a permanência da USP no local. O Centro Maria Antônia é testemunho material e lugar de memória da vida universitária em São Paulo, mas ressoa para além do Estado, como símbolo da resistência estudantil.

## MATERIALIDADE

---

O Centro Maria Antonia é formado por dois edifícios, o Rui Barbosa e o Joaquim Nabuco, ambos voltados para a Rua Maria Antônia, que dá nome ao espaço. A face mais conhecida do Centro é a



do edifício Rui Barbosa, de fachada branca com esquadrias em ferro e vidro, com acesso por uma colunata clássica da ordem dórica. Por ela se chega ao saguão principal e se distribuem em seis pavimentos as antigas salas de aula, hoje espaços expositivos, uma sala de cinema e um teatro. Os edifícios foram construídos na década de 1930 para abrigar o Liceu Rio Branco com uso educacional, ambos com arquitetura com elementos classicizantes, sem ornatos. Nos anos 1990, quando os edifícios foram devolvidos à USP, o espaço recebeu novo projeto do escritório de arquitetura Una, inaugurado em 2017. O projeto teve como premissa primordial a reafirmação do caráter público e a aproximação com a comunidade e as atividades universitárias no Centro. O edifício Joaquim Nabuco foi reestruturado como espaço expositivo, aberto para uma praça que une as duas edificações, a qual se liga, por meio de uma rampa, ao andar térreo, onde fica o Teatro da USP (Tusp), e o auditório, com cinema e espaço de estar.



Foto: Eduardo Costa/Acervo CPC-USP

## USOS ATUAIS

---

Os edifícios que compõem o conjunto Maria Antônia foram construídos com a destinação educacional e assim permaneceram até o final da década de 1960, com a expulsão da USP e ida dos cursos da FFCL para a nova Cidade Universitária, em 1968. Aos dois edifícios voltados para a Rua Maria Antônia, somava-se o edifício da antiga Faculdade de Ciências Econômicas e Administração, com entrada principal pela Rua Dr. Vila Nova, também desativado pela USP no mesmo período. Usos variados foram dados aos espaços, até que em 1991, foi oficializada a devolução à USP dos edifícios que formavam o complexo Maria Antônia. No edifício Rui Barbosa foi instalado o Centro Universitário Maria Antonia e, em 1998, o edifício Joaquim Nabuco também foi reintegrado à Universidade. O espaço conta com uma ampla programação cultural que envolve cinema, teatro, cursos, exposições, debates, lançamentos e celebrações, além da biblioteca com uma coleção de livros sobre artes, estética e história da arte, que pertenceu à professora Gilda de Mello e Souza.





*vila penteado*



A Vila Penteado, hoje ocupada como uma das sedes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da USP, localiza-se no bairro de Higienópolis e foi construída como residência da família que lhe dá nome. O bairro, urbanizado no início do século 20, era caracterizado por casas em grandes lotes, isoladas dos limites, ocupadas principalmente, mas não exclusivamente, pela elite paulistana. A casa de feições *art nouveau* foi projetada pelo arquiteto sueco Carlos Ekman para abrigar as famílias de Antônio Álvares Penteado e de seu genro, Antônio Prado Júnior, que ali residiram até os anos 1940. Com o processo de verticalização do bairro, parte do terreno voltado para a Avenida Higienópolis, que era o acesso principal à casa, foi vendida e deu lugar a um edifício residencial. A residência da família foi cedida à USP em 1948, e a FAU Maranhão, como ficou conhecida após a construção do edifício Vilanova Artigas no Campus Butantã nos anos 1970, destinada a atividades educacionais.



Foto: Acervo Biblioteca FAU-USP

*A instalação de um curso de arquitetura e urbanismo neste edifício constituiu a materialização de um singular espaço de ensino, um lugar que é memória, documento histórico, arquitetônico e artístico.*

**LUIZ JUNQUEIRA, OS ANEXOS DA FAU-USP: DO ATELIÊ DA VILA PENTEADO AO CONCURSO DE 1989, 2016**

## MEMÓRIA

---

Adaptada nos anos 1940 para funcionar como escola de arquitetura, a Vila Penteado resistiu à verticalização de seu entorno, permanecendo como um dos únicos remanescentes das antigas residências de Higienópolis. Como faculdade, transformou-se em um centro de atividades artísticas, culturais e políticas para a cada vez mais viva comunidade universitária que se formava na região — na qual também estavam instaladas a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, a Universidade Mackenzie e a Escola de Sociologia e Política. Além de espaço educativo, a FAU funcionou como pólo cultural para estudantes, com exibição de filmes, conferências, programas musicais e exposições de arte. O edifício tem múltiplas camadas de significado: como testemunho da formas de morar e da urbanização de São Paulo, dos palacetes paulistanos, e, também, como espaço de memória institucional da USP e da FAU em particular, cujas tradições estão ali enraizadas.

## MATERIALIDADE

---

Construída em 1902 com o projeto do arquiteto sueco radicado no Brasil, Carlos Ekman, a Vila Penteado é um dos remanescentes dos palacetes que caracterizaram o bairro de Higienópolis até meados do século 20. O projeto foi encomendado por Antônio Alvares Penteado, dono de terras e industrial com origens em Mogi Mirim, que teria se inspirado na linguagem *art nouveau* em visita à Europa. Embora a casa tivesse



como proposta abrigar duas famílias (a de Álvares Penteados e a de seu genro Antônio Prado Júnior), a composição de fachada e de volumes conforma construção única de grandes proporções. O palacete, forma comum das casas de elite na virada do século 19 para o 20 em São Paulo, é caracterizado pelo *art nouveau*, que tensionou o academicismo com elementos decorativos de inspiração na natureza, profusos detalhamentos das esquadrias em madeira e em ferro de formas predominantemente sinuosas. O acesso principal à casa, pela Avenida Higienópolis era feito por meio de um grande salão de pé direito duplo com pinturas parietais, e uma escadaria em madeira que dá acesso ao andar superior. O projeto da casa trazia os elementos típicos da morada de elite do início do século, com muitas separações de funções, de circulações e de papéis de gênero, com espaços masculinos como o *fumoir* e sala de negócios, escadarias de serviços e es-



Foto: Marina Pio/Acervo CPC-USP

paços para empregados. A ocupação do espaço como instituição de ensino superior manteve as características da casa, criando seus próprios simbolismos e tradições.

## USOS ATUAIS

---

A Vila Penteadó abrigou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo até 1969, quando foi transferida para a Cidade Universitária, no Butantã, que concentrou a maioria das atividades didáticas e administrativas da USP. Compondo o conjunto de edifícios da FAU USP, atualmente recebe atividades de ensino de pós-graduação e optativas de graduação, além de projetos de pesquisa, cultura e extensão, e uma biblioteca com importante acervo. Nesse espaço, surgiram diversas tradições e celebrações universitárias, como o Banho no Chafariz, cerimônia de “batismo” dos calouros que hoje ocorre no “laguinho”, na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira.





*quadrilátero da saúde*



Quadrilátero da Saúde ou Polígono da Saúde são os nomes pelos quais ficou conhecido o Campus da USP que reúne unidades ligadas à saúde, localizado entre a região da Avenida Paulista e o bairro de Pinheiros, no centro expandido da Capital. O conjunto de edifícios dedicado ao ensino e à pesquisa das ciências médicas e sanitárias formou-se desde o final do século 19 em uma região então distante do centro, a partir do Antigo Lazareto dos Variolosos Hospital de Isolamento, instalado em 1880. O hospital destinado ao tratamento de pacientes com doenças infecciosas, ganhou a seguir três novos pavilhões com projeto do engenheiro Teodoro Sampaio, configurando o conjunto do Hospital do Isolamento.

Com a incorporação da Faculdade de Medicina à USP em 1934, diversas instituições integram o conjunto dedicado às atividades de saúde. De hospitais, a áreas esportivas, passando por espaços de ensino, clínicas, uma diversidade de usos ligados à saúde compõem o Campus. O conjunto é um dos mais importantes testemunhos da história da arquitetura e do urbanismo ligados aos saberes médicos, além de espaço de memória universitária.



Foto: Eduardo Costa/Acervo CPC-USP

*Sua característica particular de reunir várias instituições, cada uma com determinada função, possibilitou o entendimento de uma rede de relações e a identificação de uma política única que vigorava no início do século 20 e preconizava o tratamento da saúde de toda a população.*

**PRISCILA MIURA, QUADRILÁTERO DA SAÚDE:  
PATRIMÔNIO EDIFICADO DA UNIVERSIDADE  
DE SÃO PAULO - USP, 2014**

## MEMÓRIA

---

A área carrega significados simbólicos importantes da história do ensino, das instituições de saúde e dos processos de urbanização de São Paulo. Nos seus espaços estão materializados os debates científicos sobre os espaços de saúde e as muitas soluções possíveis. Estão impregnados com a memória das gerações de profissionais empenhados na sua construção, além dos diversos investimentos públicos para a saúde.

Os remanescentes do Hospital do Isolamento, o Instituto Adolfo Lutz, a Faculdade de Medicina, o Instituto Oscar Freire, a Faculdade de Saúde Pública, a Escola de Enfermagem e o centro esportivo que o compõem são protegidos legalmente pelo Estado, formando um expressivo complexo de bens culturais dedicados à saúde e ao ensino superior. Apesar do seu valor patrimonial, outros dois importantes edifícios, o Instituto Central do Hospital das Clínicas e o Instituto de Ortopedia e Traumatologia, não entraram na resolução de tombamento mais recente para o Quadrilátero.

## MATERIALIDADE

---

O conjunto urbano da área da saúde da USP estruturou-se progressivamente, adquirindo a forma de Campus Universitário bastante complexo, com unidades de ensino, hospitais, clínicas e áreas recreativas e esportivas. O Hospital de Isolamento que deu origem à ocupação original era composto por pavilhões, muitos dos quais ainda se mantém,



Foto: Jorge Maruta/USP Imagens

como o Pavilhão de Classes ou Casa Rosada, diretoria e Museu do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, o Pavilhão 2-Febre Amarela e Febre Tifóide, a Casa Azul, Biblioteca do Instituto de Infectologia Emílio Ribas e o Pavilhão 4-Varíola, atualmente biblioteca do Instituto Adolfo Lutz.

Com a construção das instalações da Faculdade de Medicina e Cirurgia, criada em 1912 e incorporada à USP em 1934, constituiu-se a ocupação que caracteriza o Quadrilátero. As diferentes soluções arquitetônicas, oscilando entre o sistema pavilhonar e os blocos com pátios centrais - estão presentes nos edifícios que vão sendo construídos à medida em que o conjunto se expande. Em 1931 instala-se o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, atual Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz, fundada em 1956. O espaço de 35 mil metros quadrados foi uma conquista dos estudantes, que já utilizavam a área como campo de futebol, que conta com dois ginásios, com três quadras poliesportivas, um campo de futebol oficial, uma piscina semi-olímpica (a segunda piscina mais antiga da cidade, com a sua plataforma de saltos original), o

dojô para a prática de artes marciais e uma pista de atletismo.

O Hospital Universitário foi inaugurado em 1944, com projeto elaborado pelo Escritório Técnico da USP em colaboração com uma comissão de professores da Faculdade de Medicina, resultando no grande bloco que ocupa toda a quadra, com planta simétrica em “H” duplo e implantação otimizada no desnível do lote, entrada principal pelo quarto andar e acesso ao subsolo pela fachada dos fundos. No 11º andar foi construída uma capela, que teve o seu acervo artístico tombado em 1970 na instância estadual, com afrescos de Fulvio Penacchi, esculturas de Víctor Brecheret e vitrais inspirados em desenhos de Di Cavalcanti.

## USOS ATUAIS

---

As unidades da USP localizadas no quadrilátero da saúde oferecem os cursos de Saúde Pública, Nutrição, Medicina, Física Médica, Enfermagem, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (sendo estes três últimos integrantes do departamento FOFITO da Faculdade de Medicina, instalado no Campus Butantã nos anos 1990). Além disso, nele se localizam o Instituto Especializado da USP de Medicina Tropical, e as dezessete unidades do complexo Hospital das Clínicas, bem como a sede do Instituto Adolfo Lutz, centro estadual que atua na promoção da saúde.

Nos seus diversos Institutos a vivência estudantil é cotidiana, integrada com a presença dos transeuntes, das dinâmicas da cidade e da população que utiliza os serviços do Hospital das Clínicas da Faculdade Medicina da USP, referência no tratamento de doenças de alta complexidade. O Quadrilátero é um espaço onde a Universidade se articula com a sociedade a partir de ações que ultrapassam o meio acadêmico.





## BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Neyde A. Joppert. **A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos.** São Paulo: Edusp, 2018.

LIRA, José Tavares Correia de (org.). **Patrimônio Construído da USP: Preservação, Gestão e Memória.** São Paulo: Edusp, 2014.

LOURENÇO, Maria Cecília França (org.). **Bens imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 1999.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Centro de Preservação Cultural. **Cidades universitárias: patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2005. (Cadernos CPC)

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Universidade de São Paulo: alma mater paulista.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 1998.

**Para a bibliografia completa, consultar o QRCode.**

Este volume foi composto em 2023 com o tipo Lato, desenhado por Łukasz Dziedzic em 2010. O volume foi impresso em papel Offset 150g/m<sup>2</sup> em novembro de 2023.

**Para ampliar a sua  
experiência, escute os  
áudio-guias e conteúdos  
complementares.**



*Este material integra a coleção  
Roteiros do Patrimônio da USP,  
produzida pelo Centro de Preservação  
Cultural da Universidade de São Paulo.  
2024*

#### **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

*Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior*

*Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda*

#### **PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO**

*Pró-Reitora: Marli Quadros Leite*

*Pró-Reitor Adjunto: Hussam El Dine Zaher*

#### **CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL**

*Diretora: Flávia Brito do Nascimento*

*Vice-Diretora: Simone Scifoni*

#### **CORPO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO**

*Assistente de direção: Bruna Gabriela Elias*

*Analista de comunicação: Eduardo Kishimoto*

*Analista de sistemas: Antonio Francisco de Azevedo*

*Educadora: Maria Del Carmen Ruiz*

*Especialistas em laboratório: Ana Célia de Moura e  
Gabriel Fernandes*

*Técnico administrativo: Dayane de Oliveira*

*Técnico de manutenção/obras: Jose Marcos Gonçalves*

#### **ROTEIROS DO PATRIMÔNIO DA USP**

*Coordenação: Flávia Brito do Nascimento*

*Concepção e textos: Flávia Brito do Nascimento,  
Marina Gazzoli Pio, Rodrigo Augusto das Neves,  
Susan Chou, Simone Scifoni*

*Pesquisa: Gabriel Fernandes, Guilherme  
Boaventura, Maria Del Carmen Ruiz, Marina Gazzoli  
Pio, Rodrigo Augusto das Neves, Samara dos Santos,  
Simone Scifoni*

*Projeto gráfico: Susan Chou, Júlia Morais*

*Ilustrações: Susan Chou*

*Revisão: Ana Célia de Moura e Maria Del Carmen Ruiz*





